

---

## Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação

---

Maria Aldina Marques  
CEHUM-Universidade do Minho

Data de recepción: 28/05/2015 | Data de aceptación: 14/07/2015

La linguistique des discours sur laquelle  
nous nous appuyons s'inscrit dans les  
*problématiques de l'hétérogène.*

(Hailon 2012: 1)

### Resumo:

O nosso objetivo é apresentar algumas características da Análise do Discurso que se pretende *linguística*. As questões teóricas são determinantes, porque fazer investigação científica, qualquer que seja a área ou o objeto, é em primeiro lugar colocar-se num determinado quadro teórico-metodológico. Não por simples ritual ou tradição, mas porque é a própria essência da investigação científica. No caso vertente, daremos saliência ao conceito teórico de heterogeneidade, como princípio ordenador da investigação deste ramo das Ciências da Linguagem, a linguística dos discursos.

### Palavras-chave:

Análise linguística do discurso, enunciação, heterogeneidade.

### Sumário:

1. A análise do(s) discurso(s). 1.1. O que individualiza a Análise Linguística dos Discursos? 2. Problemáticas do heterogéneo. 2.1. Pensar a complexidade. 2.2. A heterogeneidade do discurso: teorias e métodos. 3. A heterogeneidade enunciativa. 3.1. Centralidade da enunciação. 3.1.1. Enunciação, heterogeneidade e intersubjetividade. 3.1.2. Enunciação, sentido e heterogeneidade. 3.2. A heterogeneidade enunciativa: para além da *enunciação enuncia-da*. 3.2.1. A heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. 4. A modo de conclusão.

### *For a linguistic discourse analysis. The enunciative heterogeneity as an ordering principle of research*

### Abstract:

*Our goal is to present some characteristics of Discourse Analysis as a specific linguistic approach of discourses. The very essence of scientific research, whatever the area or object,*

*is, first of all, to adopt a certain theoretical and methodological framework. This choice is not the result of a simple ritual or tradition. In this case, we will focus on the theoretical concept of heterogeneity as an ordering principle of investigation in discourse linguistics.*

**Key words:**

*enunciation, heterogeneity, linguistic discourse analysis.*

**Contents:**

*1. Discourse analysis. 1.1. What individualizes the Linguistic Discourse Analysis? 2. Problematics of heterogeneity. 2.1. Thinking complexity. 2.2. The heterogeneity of discourse: theories and methods. 3. The enunciative heterogeneity. 3.1. Relevance of enunciation. 3.1.1. Enunciation, heterogeneity and intersubjectivity. 3.1.2. Enunciation, meaning and heterogeneity. 3.2. The enunciative heterogeneity: beyond the enunciated enunciation. 3.2.1. Interdiscursive and intradiscursive dialogism. 4. Conclusion.*

## 1. A análise do(s) discurso(s)

Fazer investigação científica, qualquer que seja a área ou o objeto, é em primeiro lugar colocar-se num determinado quadro teórico-metodológico. Não por simples ritual ou tradição mas porque é a própria essência da investigação científica. Charaudeau, entre outros investigadores, tem apontado a inevitabilidade de tal consideração, sob pena de nos colocarmos fora do campo científico:

Sans cadre théorique, point de discussion possible, car on ne saurait dire au nom de quoi on pourrait évaluer, confirmer ou contester les résultats d'une analyse. Il s'agit là d'un principe de pertinence: *discuter les explications que l'on donne sur le monde n'est possible que si l'on connaît le cadre conceptuel de référence, les catégories, les modes de raisonnement et les procédures d'analyse dont elles dépendent*" (Charaudeau 2010a).

Já Nølke, em 1994, referia a centralidade que esta questão assume para as Ciências da Linguagem, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com as ciências da natureza: "Contrairement aux sciences de la nature, définir son objet devient en effet la question primordiale pour la science du langage" (Nølke 1994: 13). Está, pois, justificado o tema da minha reflexão.

Enquanto objeto de investigação, o discurso é transdisciplinar<sup>1</sup>. Os discursos são práticas sociais e, por isso, são objeto de investigação de áreas e disciplinas diversas das ciências sociais e humanas e não apenas das ciências da linguagem.

A especificidade de uma abordagem a partir das Ciências da Linguagem está na definição dos discursos como objeto de análise e não como instrumento para conhecer outras realidades sociais, perspectiva adotada, por exemplo, pela História.

O estatuto da *Análise do Discurso* como disciplina ou como campo disciplinar não está claro nem é consensual<sup>2</sup>. Charaudeau et Maingueneau, entre outros investigadores, têm discutido a questão com argumentos e propostas diversas quanto ao estatuto da *análise do discurso*, ora tomada como disciplina, uma disciplina "carrefour" é certo, ora como campo de investigação, que dá espaço à constituição de uma *linguística dos discursos* por oposição a uma tradicional *linguística da frase*. Com a análise do(s)

1 Há alguma divergência na definição do conceito, por vezes ocorrendo como sinónimo de interdisciplinaridade. Uso *transdisciplinar* no sentido restrito de "comum a diferentes disciplinas/áreas científicas".

2 Charaudeau (2010a): "Il peut se faire cependant que plusieurs positions théorico-méthodologiques coexistent à l'intérieur d'un même cadre conceptuel. Mais dans la mesure où ces positions partagent les propositions fondatrices d'un même cadre conceptuel, on dira qu'elles appartiennent à un même champ disciplinaire".

discurso(s), existe, segundo Maingueneau (1998: 11) “entrecroisement d’un certain nombre de références théoriques, de présupposés et de gestes méthodologiques” que determinam a investigación.

De facto, prevalece, sempre, a afirmación de que, com a AD, está em causa um pensamento linguístico global em rutura com um outro pensamento global anterior, estruturalista-generativista<sup>3</sup>.

Ainda nesta denominación de análise dos discursos, face a uma inicial *análise do discurso*, é de realçar o alcance teórico da pluralización do sintagma “dos discursos”, que assinala uma reflexión longa nesta área das Ciências da Linguagem e dá sinal de uma evolución num sentido da afirmación da heterogeneidade do objeto de análise, objeto empírico que engloba todos os discursos mas também o discurso todo, abrindo à investigación o domínio do paraverbal e do não-verbal, na afirmación de que a comunicación é multimodal, ou seja, é plurissemiótica e multicanal (Kerbrat-Orecchioni: 2005).

### 1.1. O que individualiza a Análise Linguística dos Discursos?

Porquê uma *análise dos discursos* que seja explicitamente *linguística*? É um repensar do seu lugar e objeto teóricos. Institui, explicitamente, o discurso como objeto e não como instrumento metodológico.

Radica neste posicionamento teórico a sua especificidade face à AD tal como se constituiu. A análise do discurso de tradição francesa, a que me venho referindo, tem origem nos trabalhos de Pêcheux (1969) sobre o discurso político, em consonância com uma “visée militante” de natureza crítica e ideológica. Marcada pelo marxismo e pela psicanálise, o seu objeto, o discurso, é como refere Maingueneau (2005: 2) “o reflexo de factos externos”, e são estes factos que primeiramente convocam a atenção dos investigadores. A *análise crítica do discurso* (ACD), de tradição sobretudo anglófona, converge, legitimamente, para este objetivo. Diz Fairclough (2012: 311) que a estrutura analítica da ACD pretende, entre outras finalidades, “Dar ênfase a um problema social que tenha um aspecto semiótico”. E especifica:

A ACD, na minha visão, é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante)

3 Refira-se, ainda, que esta inflexão da linguística é de inspiração francófona. Em Inglaterra e nos Estados Unidos, ao contrário do que aconteceu em França, a “Discourse Analysis” tem como objeto o texto oral “conversation”, que se desenvolve segundo diferentes perspectivas e tem continuação, por exemplo, na Análise Conversacional europeia, integrada, no entanto, na área da análise dos discursos como *análise do discurso em interação*, nomeadamente por Kerbrat-Orecchioni (2005).

como um elemento ou momento do processo social material (WILLIAMS, 1977), que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social (Fairclough 2012: 307-308).

Tal como na primeira fase da Análise do Discurso francesa, na proposta de Fairclough a linguagem dissolve-se no social.

A análise linguística dos discursos individualiza-se em função da *lingua*, que toma como objeto<sup>4</sup>. Os discursos são práticas sociais, mas são práticas sociais linguísticas. O objetivo é, pois, a análise dos discursos em situação. Uma abordagem dos dinamismos discursivos, das atividades de linguagem, que são, obviamente, atividades de comunicação. Assim, assume particular importância o uso/funcionamento da língua nos discursos, as regularidades, princípios do uso da língua, captados na sua materialidade discursiva, em contexto<sup>5</sup>.

Num texto de 1996, Catherine Kerbrat-Orecchioni (1996) propõe uma perspetiva de análise que define a abordagem linguística dos discursos: “On est en linguistique dès lors que l’investigation se focalise sur les faits langagiers (dès lors par exemple que l’on recourt au contexte social pour élucider le fonctionnement des énoncés, et non l’inverse)”.

Esta questão volta às suas preocupações, em texto posterior de 2002, em que mais uma vez interliga língua, discurso e sociedade: “le linguiste s’intéresse d’abord aux règles qui régissent les langues et leurs manifestations discursives”<sup>6</sup>, sendo que língua é não apenas “l’ensemble de toutes les règles ou régularités qui sous-tendent la production et l’interprétation des énoncés attestés” mas também “celles qui commandent le fonctionnement de phénomènes tels que : les actes de langage directs et indirects, les mécanismes inférentiels, le système des tours de parole, l’enchaînement des interventions et des échanges, les connecteurs pragmatiques et conversationnels, les marqueurs de la relation interpersonnelle et les rituels de politesse, etc.” (Kerbrat-Orecchioni 2002: 36). Dá, assim, relevo a uma dimensão fundamental de apreensão e estudo da linguagem e das línguas que supera a dicotomia criada entre uma linguística da língua e uma linguística do discurso.

4 Ver Marques (2006).

5 A este respeito, é interessante a orientação dada por Adam (2005) ao seu trabalho que inscreve, nas últimas publicações, numa *análise textual dos discursos*, que integra a linguística textual na análise dos discursos.

6 Completamos a citação : “Décrire une langue, c’est aussi prendre en compte cet au-delà ou en deçà du système – même si tel n’est pas l’objectif premier de l’entreprise: l’ethnologue s’intéresse *d’abord* à des faits culturels (qu’il appréhende entre autres au travers des discours), quand le linguiste s’intéresse *d’abord* aux règles qui régissent les langues et leurs manifestations discursives (mais qui pour nombre d’entre elles sont configurées par le culturel)” (Kerbrat-Orecchioni 2002: 53).

## 2. Problemáticas do heterogéneo

A homogeneidade do objeto é para Saussure condição necessária para que a Linguística seja ciência. Toda a construção teórica compendiada no *Cours de Linguistique Générale* assenta nas dicotomias que asseguram a construção da homogeneidade do objeto, desde logo a dicotomia langue-parole, e são fundadoras da nova ciência da linguagem<sup>7</sup>. Como refere Fonseca (1992: 250), “representam declaradamente a anulação ou suspensão metodológica da heterogeneidade, em busca de um objeto de reflexão suficientemente homogéneo”<sup>8</sup>.

Em clara divergência com este posicionamento teórico estruturalista, e generativista também, o grande contributo das novas perspetivas de análise é a contestação da homogeneidade, mas sobretudo, a afirmação da heterogeneidade como conceitobase da análise dos discursos. Voltando a Fonseca (1992: 285), “a heterogeneidade não é uma contingência, é constitutiva da língua e do discurso”<sup>9</sup>.

### 2.1. É preciso pensar a complexidade

Os discursos como objeto empírico são unidades comunicativas complexas e heterogéneas.

É preciso, como diz Vion, pensar a complexidade:

L'analyse que nous proposons suppose également que la linguistique abandonne la logique de la séparabilité des observables et s'attache à penser la réalité dans sa complexité et dans son hétérogénéité. Terminer en proposant une logique de la complexité n'est pas destiné à refroidir les ardeurs. Penser la complexité est tout à fait dans les possibilités des sciences humaines (Vion 1996 : §32).

A análise “linguística” dos discursos pretende pensar a complexidade do objeto discursivo<sup>10</sup> (que implica uma conceção ainda mais complexa do objeto língua), tem como objeto o texto/discurso, uma unidade não exclusivamente linguística, antes integrando dimensões linguísticas, textuais, psicológicas e sociais (Roulet 2000); e tem como objetivo descrever e compreender os funcionamentos discursivos

7 Como acentua Fonseca (1992), este é um desiderato que não é conseguido de modo absoluto.

8 Le postulat sur lequel reposait toute analyse structurelle implique que les unités constitutives se présentent comme des entités homogènes et stables, clairement identifiables et délimitables (Vion 2005: 26).

9 Fonseca (1992) apresenta uma visão enquadradora, sistemática, detalhada, desta problemática como heterogeneidade, e heterogeneidade.

10 Sobre esta questão, ver Coutinho (2003).

da “totalité des énoncés d’une société, appréhendée dans la multiplicité de leurs genres” (Charaudeau 2005: 28).

Resumirei esta problemática em dois pontos:

- a) As teorias desenvolvidas na área da análise dos discursos devem integrar a complexidade do objeto, tomar em consideração diferentes vertentes da construção do discurso.
- b) Como consequência, a análise linguística dos discursos é marcada pela heterogeneidade. E, por essa razão, a heterogeneidade é o princípio ordenador da investigação.

Note-se, no entanto, que a heterogeneidade não é caótica. Há princípios, regras, categorias, funcionamentos que convergem para regular a construção do discurso, i.e., da língua em discurso.

## 2.2. A heterogeneidade do discurso: teorias e métodos

A heterogeneidade do discurso tem consequências teóricas e metodológicas, desde logo na construção de uma perspectiva interdisciplinar, também ela fator de heterogeneidade, pelo cruzamento de perspectivas e enfoques metodológicos. Segundo Charaudeau (2010b)<sup>11</sup>, a interdisciplinaridade tem, pois, na base uma intenção explícita de articular conceitos, instrumentos de análise e resultados vindos de diferentes disciplinas. Não é pacífica esta integração. Há que os interrogar, como refere Charaudeau, à luz do quadro teórico que os recebe.

A interdisciplinaridade tem de ser, o termo é de Charaudeau, *focalizada*, isto é, impõe a necessidade de conjugar esta abertura às outras disciplinas com a identidade disciplinar.

Na tradição francesa, caracterizada por um ecletismo e um sincretismo teóricos (Kerbrat-Orecchioni 2005: 22), que convocam, por exemplo, a teoria dos atos de fala de Austin (1962) e Searl (1992), as investigações de Grice (1975) sobre o implícito ou os contributos de Goffman (1974) sobre imagem e face dos participantes na interação ou ainda as teorias da argumentação, sobressai a teoria da Enunciação,

---

11 “L’interdisciplinarité est plus difficile à réaliser, elle ‘n’est pas de tout repos’ comme le dit Roland Barthes, car elle consiste à établir de véritables connexions entre concepts, outils d’analyse et modes d’interprétation de différentes disciplines. Il ne suffit pas d’ajouter des disciplines sur un même objet d’analyse ; il faut faire se confronter diverses compétences disciplinaires afin de rendre plus pertinents ces concepts et outils d’analyse, ou d’étendre le champ des interprétations à partir de résultats eux-mêmes issus de protocoles d’analyse communs” (Charaudeau 2010b).

que remonta a Benveniste (1970), e, em particular, ao texto *L'appareil formel de l'énonciation*, e foi continuada nomeadamente por Kerbrat-Orecchioni (1980), entre outros autores não apenas francófonos<sup>12</sup>.

### 3. A heterogeneidade enunciativa

Abordarei a questão da heterogeneidade enunciativa a partir de uma breve reflexão sobre o conceito de enunciação.

A análise linguística do discurso é marcada pela problemática da enunciação, da organização enunciativa dos discursos e, por consequência, pela heterogeneidade.

Como afirma Fonseca (1992: 250): “é, na verdade, na reflexão desenvolvida no campo enunciativo-pragmático que pela primeira vez, e de modo explícito, se assume a heterogeneidade”. Dialogismo, locutor, alocutário, vozes do discurso, modalização, responsabilidade enunciativa são conceitos fundamentais (Amossy 1999).

#### 3.1. Centralidade da enunciação

Reiterando a centralidade da enunciação, Moirand (2005) diz que “La majorité des travaux d’analyse du discours [...] s’appuient, au moins partiellement, sur les problématiques énonciatives”. Esta afirmação constitui uma primeira especificação de uma vertente complexa, plural, da análise do discurso usualmente caracterizada como de tradição francófona, que tem a enunciação como âncora de investigação<sup>13</sup>. De facto, com origem em Benveniste, como referi, as problemáticas enunciativas, por vezes individualizadas na designação de uma *linguística da enunciação*, têm um lugar central na análise linguística dos discursos.

12 Benveniste (1974) é tomado como marco destes estudos, nomeadamente pelo artigo “L’appareil formel de l’énonciation”. No entanto, Charles Bally (1932) e R. Jakobson (1988) são, entre outros, dois investigadores cujos trabalhos não podem ser ignorados.

13 “L’énonciation se donne comme objet d’analyser les voix qui traversent le discours et de repérer les places énonciatives que se construit le locuteur au sein de ces voix. La notion de mise en scène énonciative, potentiellement disponible depuis Ducrot 1984 et développée depuis Vion 1998, s’efforce de rendre compte de cette diversité de sources énonciatives. L’approche énonciative examine les phénomènes d’implication du locuteur avec des notions comme modalités, modalisations qui prennent respectivement en compte les attitudes et les commentaires réflexifs du sujet vis-à-vis des propos et des voix convoqués dans son discours. Elle aborde également les phénomènes de distanciation «visualisant» la place du locuteur au sein d’un dialogue à vaste échelle, mobilisant des opinions et des points de vue, qu’il (re)met en circulation au sein de l’interaction verbale. Ces différents observables participent d’une problématique caractérisée par l’hétérogénéité des sources, l’instabilité énonciative de toute production discursive et la construction d’une théorie polyphonique de l’énonciation” (Vion 2006: §22).

A centralidade da enunciação é, desde logo, apresentada por Benveniste como “o regresso do homem à linguagem”, em clara alusão e, simultaneamente, recusa da perspectiva imanentista do estruturalismo em que, mesmo assim, a sua teoria se integra, mas numa posição crítica que faz, decididamente, avançar a investigação na direção de uma linguística dos discursos, como aqui apresentei<sup>14</sup>. O regresso do falante não se faz, pois, à linguagem mas à linguística.

### 3.1.1. Enunciação, heterogeneidade e intersubjetividade

As propostas de Benveniste não são lineares. Todos os investigadores são unânimes em relação à existência de alguns sobressaltos teóricos, a alguns recuos “prudentes” que limitam as possibilidades de desenvolvimento (pelo menos nos trabalhos de Benveniste) de reflexões anteriormente assumidas. A definição de enunciação como “la mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d’utilisation” (Benveniste 1970: 14) aponta para uma individualização e autonomia do sujeito enunciador. Este posicionamento tem algumas consequências teóricas importantes. Em primeiro lugar, se a língua, como propôs Saussure (1916) é um sistema social, o discurso parece ser fundamentalmente um ato individual e assim tem sido retomado com frequência numa leitura parcial que oblitera a alteridade intrínseca do ato de enunciação. Com efeito, este ocorre num quadro enunciativo definido por três parâmetros, de pessoa, espaço e tempo, que determinam a dimensão nuclear do contexto comunicativo, constituído por interlocutores que interagem num determinado espaço e tempo históricos. Ao considerar como parâmetro a relação eu-tu (interpessoal), a que dá relevo particular no conceito de *quadro figurativo*, Benveniste faz do ato de enunciação um ato interindividual, intersubjetivo, realizado numa determinada situação. No momento em que fala, o locutor institui o Outro como interlocutor. Para Benveniste, o ato de enunciação instaura uma relação de *alteridade* fundamental, que é também fator de heterogeneidade:

L’acte individuel par lequel on utilise la langue introduit d’abord le locuteur comme paramètre dans les conditions nécessaires à l’énonciation. [...] Mais immédiatement, dès qu’il se déclare locuteur et assume la langue, il implante l’autre en face de lui, quel que soit le degré de présence qu’il attribue à cet autre. Toute énonciation est, explicite ou implicite, une allocution, elle postule un allocutaire (Benveniste 1970: 14).

A intersubjetividade que assenta na alteridade enunciativa é intrínseca à língua e ao discurso; mais do que isso, como sublinham Brès / Nowakowska (2006), a

---

14 Importa o que se diz, mas também quem diz, a quem o diz, como e com que finalidade, como refere Jakobson (1988), também ele estruturalista, nos limites incómodos de um imanentismo limitador.

intersubjetividade não só precede como é condição de subjetividade<sup>15</sup>. O ser humano é em primeiro lugar um ser gregário. Rabatel (2008: 14) partilha o mesmo pressuposto teórico ao definir a enunciação como “un processus interactionnel d’ajustements successifs par lesquels le locuteur/énonciateur, par dialogisation externe ou interne, co-construit un dire...”.

### 3.1.2. Enunciação, sentido e heterogeneidade

A análise cuidada e global desta questão deve ter em conta, também, que as propostas de Benveniste abrem espaço para uma teoria contextual do sentido. Mas não é uma contextualidade supletiva e posterior, algo que se agrega ao significado e o enriquece; como refere FI Fonseca (1992: 121), a contextualidade do sentido é o reconhecimento da impossibilidade da imanência, porque a referenciação tem um olhar na origem; e é por isso fonte de heterogeneidade. As consequências desta proposta repercutem-se de imediato na questão da presença do locutor, e do alocutário, no discurso para além das categorias deíticas ou das categorias sintáticas que Benveniste aponta:

Enfin, dans l’énonciation, la langue se trouve employée à l’expression d’un certain rapport au monde. La condition même de cette mobilisation et de cette appropriation de la langue est, chez le locuteur, le besoin de référer par le discours, et, chez l’autre, la possibilité de co-référer identiquement, dans le consensus pragmatique qui fait de chaque locuteur un co-locuteur. La référence est partie intégrante de l’énonciation (Benveniste 1970: 14).

Rabatel (2008: 26-27) lembra a afirmação de Brès de que a linguagem não decalca o mundo, recorta-o de acordo com o trabalho do locutor, nomeadamente pela referenciação, acrescentando que “les choix de la référéntiation orientent l’interprétation du destinataire, qu’il s’agisse des interactants ou, en aval, du lecteur.”

### 3.2. A heterogeneidade enunciativa: para além da *enunciação enunciada*

Damos aqui espaço às vozes do discurso, uma vertente de análise privilegiada, desde os inícios da AD francesa. De facto, o conceito de formação discursiva prevê o discurso atravessado por outros discursos.

---

15 “L’interdiscours est un fait symbolique qui est au principe de tous les discours et qui les domine, à la manière dont l’intersubjectivité précède et est une condition de la subjectivité” (Brès / Nowakowska, 2006: 23).

De outros quadrantes, chegam também contributos que reforçam esta via de investigação. Tal é o caso de Bakhtine / Volochinov (1977) e Bakhtine (1979, 1984), que haviam já proposto o conceito de dialogismo, que inspirará Authier-Revuz, nos anos oitenta do século passado<sup>16</sup>. Mais ainda, o alargamento do objeto, com a integração das interações orais e escritas num mesmo quadro teórico, tem suporte teórico no conceito de dialogismo<sup>17</sup>.

A língua é dialógica, constrói-se “como linguagem para o outro”<sup>18</sup>. A dimensão estruturante que tal conceito assume remonta, pois, a Bakhtine e sustenta uma tradição contínua de estudos, em que sobressaem os trabalhos de Ducrot (1984), na construção da teoria polifónica da enunciação que afirma a não unicidade do sujeito falante e traz para o discurso outras vozes (enunciadores) relativamente às quais o locutor se posiciona e se (des)responsabiliza. Mas *Heterogeneidade enunciativa* é um termo cunhado por Authier-Revuz (1984), que propõe dois conceitos inter-relacionados ainda que teoricamente diversos: *Heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada*. Diz a autora que:

Hétérogénéité constitutive du discours et hétérogénéité montrée dans le discours représentent deux ordres de réalité différents : celui des processus réels de constitution d’un discours et celui des processus non moins réels, de représentation dans un discours, de sa constitution (Authier-Revuz 1984: 106).

### 3.2.1. Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada

A problemática da heterogeneidade constitutiva é retomada por autores como Brès (2001) como *dialogismo interdiscursivo*. Cada texto/discurso dialoga com outros textos/discursos do mesmo género (e outros textos/discursos sobre o mesmo tema). Segundo Bakhtine (1984: 265), falamos por géneros, isto é, “[d]es types relativement stables d’énoncés” que cada esfera de utilização da língua elabora e prevê; *dialogismo interdiscursivo* e *género* são assim dois conceitos interligados. Como memória de outros discursos, este último torna operacional a abordagem discursiva, integra os usos individuais, o *hic* et *nunc* de Benveniste, no processo discursivo como prática social de modos de dizer.

16 Moirand (2000: 8-9) dá conta das suas possibilidades e limitações: “principe dialogique de Bakhtine, concept opératoire incontestablement séduisant mais qui, face à des données empiriques, ne résout pas précisément, la question des catégories nécessaires à la description des fonctionnements textuels”.

17 A par de dialogismo, haveria que considerar o conceito de interdiscurso, que lhe é semanticamente próximo.

18 A necessidade de distinção entre textos orais e escritos releva, a um outro nível, do modo de organização dialogal ou monologal.

Constituí postulado fundamental das teorías da enunciación que os interlocutores deixam nos discursos marcas da súa presenza e das súas actividades.

A heterogeneidade mostrada refere-se à representación explícita do proceso de enunciación no discurso: “... je proposerai une description de l’hétérogénéité montrée, comme formes linguistiques représentant des modes divers de négociation du sujet parlant avec l’hétérogénéité constitutive de son discours” (Authier-Revuz 1984: 99).

A presenza explícita do locutor e do(s) outro(s) no discurso, teorizada como heterogeneidade mostrada, dialogismo intradiscursivo ou aínda polifonía<sup>19</sup>, dá orixe a unha investigación sistemática das marcas lingüísticas e discursivas dessa presenza e imbricación das vozes dos outros e do locutor no propio discurso, fonte de dinamismo discursivo, gerado por estas vozes que se sucedem, se interpelem, se conjugam.

Como refere Brès (1999), são formulacións e construcións que favorecen sintáctica ou semanticamente a inscrición de outros dizers.

É preciso acentuar que a presenza destas vozes discursivas non é ocasional nem asistemática, como se interpretou na redución à consideración da enunciación enunciada, característica do “discours” por oposición ao “récit”, categorías discursivas propostas por Benveniste, ou, em discursos subjetivos por oposición a discursos objetivos.

Os discursos são inevitavelmente produto de un olhar, aínda que de un locutor em sociedade. De facto, non há discursos objetivos, apenas discursos objetivantes; a objetivación dos discursos é aínda unha forma de construír a subjetividade. Na superficie discursiva, entre a presenza explícita e o apagamento que favorece a desinscrición do locutor, a heterogeneidade enunciativa acentua-se no que Vion (2000, 2005) chamou de *instabilidades enunciativas*, isto é, os modos de presenza enunciativa dos sujeitos.

#### 4. A modo de conclusión

Na pretensión de evidenciar que a heterogeneidade enunciativa é un principio ordenador da investigación, tentei relacionar heterogeneidade, complexidade, dinamismo e enunciación. Desde o objeto de análise, ao quadro teórico e metodolóxico e à organización enunciativa dos discursos, a heterogeneidade determina as vías de investigación.

---

19 Esta enumeración non pressupõe ningún consenso sobre a definición destes conceptos. Brès (2009: 6), por exemplo, distingue: “les phénomènes d’hétérogénéité énonciative peuvent être décrits selon deux grands types d’approche : l’approche dialogique, l’approche polyphonique”.

Vale ainda acentuar a centralidade da enunciação, nesta abordagem da heterogeneidade; o discurso está no centro da enunciação e a enunciação no centro das relações interdiscursivas, como afirma Moirand (2005), regulado por regras e usos heterogêneos.

São questões centrais para o conhecimento da língua, isto é, dos usos e funcionamentos da língua em discurso, objeto de uma análise dos discursos que se pretende linguística.

## Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. (2005): *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours* (Paris: Armand Colin).
- Amossy, R. (1999): *Images de Soi dans le Discours* (Paris: Delachaux et Niestlé).
- Austin, J. (1970) [1962]: *Quand dire c'est faire* (Paris: Seuil, Coll. Points).
- Authier-Revuz J. (1984): "Hétérogénéité(s) énonciative(s)", *Langages* 73, 98-111.
- Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726X\\_1984\\_num\\_19\\_73\\_1167](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1984_num_19_73_1167) [consult. 21.08.2013].
- Bakhtine, M. / Volochinov (1929/1977): *Le marxisme et la philosophie du langage* (Paris: Editions de Minuit).
- Bakhtine, M. (1934/1978): *Esthétique et théorie du roman* (Paris: Gallimard, Collection Tel).
- Bakhtine, M. (1952/1979/1984): *Esthétique de la création verbale* (Paris: Gallimard).
- Bally, C. (1932/1965): *Linguistique générale et linguistique française* (Berne: A. Francke AG Verlag).
- Benveniste, E. (1970) : "L'appareil formel de l'énonciation", *Langages* 17, 12-18.
- Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726X\\_1970\\_num\\_5\\_17\\_2572](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1970_num_5_17_2572) [consult.21.08.2013].
- Brès, J. et al. (1999): *L'autre en Discours* (Montpellier: Pub. de l'Université de Montpellier III).
- Brès, J. (2001): "Analyse du Discours et Dialogisme", *Diacrítica* 16, 249-264.
- Brès, J. / Nowakowska, A. (2006): "Dialogisme : du principe à la matérialité discursive", em Perrin, L. (éd.), *Le sens et ses voix*, Recherches linguistiques 28, 21-48 (Metz : Université de Metz).

- Bres J. (2009): "Dialogisme et temps verbaux de l'indicatif", *Langue Française* 163, 21-39.
- Charaudeau, P. (2005): *Le discours politique. Les masques du pouvoir* (Paris: Vuibert).
- Charaudeau, P. (2010a): "Pour une interdisciplinarité 'focalisée' dans les sciences humaines et sociales", *Questions de Communication*. Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com/Pour-une-interdisciplinarite.html> [consult. 21.08.2013].
- Charaudeau, P. (2010b): "À quoi sert d'analyser le discours politique". Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com> [consult. 08.09.2012].
- Charaudeau, P. (2012): "Pour une interdisciplinarité focalisée. Réponses aux réactions», *Questions de communication* 21. Disponível em <http://www.patrick-charaudeau.com> [consult. 08.09.2013].
- Coutinho, A. (2003): *Texto(s) e Competência textual* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, FCT, Ministério da Ciência e do Ensino Superior).
- Ducrot, O. (1984): *Le Dire et le Dit* (Paris: Minuit).
- Fairclough, N. (2012): "Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica", *Linha d'Água* 25 (2), 307-329.
- Fonseca, F. I. (1992): *Deixis, tempo e narração* (Porto: Fundação Engº José António de Almeida).
- Fonseca, J. (1992): *Linguística e Texto / Discurso* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação).
- Goffman, E. (1974): *Les rites de l'Interaction* (Paris: Seuil).
- Grice, P., 1975. "Logic and Conversation", em Peter Cole and Jerry L. Morgan (ed), *Syntax and Semantics*. Vol. 3 (New York: Academic Press).
- Hailon, F. (2012): "L'énonciation dans les pratiques de l'hétérogène", *Travaux neuchâtelois de linguistique* 56. Disponível em [https://www.academia.edu/2075196/Lénonciation\\_dans\\_les\\_pratiques\\_de\\_lhétérogène](https://www.academia.edu/2075196/Lénonciation_dans_les_pratiques_de_lhétérogène) [consult. 12.10.2013].
- Jakobson, R. (1988): "El metalenguaje como problema lingüístico", em *Obras Selectas* I, 369-376 (Madrid: Gredos).
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980): *L'énonciation – de la subjectivité dans le langage* (Paris: A. Colin).
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1992): *Les interactions Verbales*. Tome II (Paris: A. Colin).
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1996): "L'analyse des conversations", *Le Français dans la Monde* (numéro spéciale), 30-38.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2002): "Système linguistique et ethos communicatif", *Cahiers de praxématique* 38. Disponível em <http://praxématique.revues> [consult. 08.09.2012].

- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005): *Le Discours en interaction* (Paris: A. Colin).
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2000): “Les cultures de la Conversation”, *Sciences Humaines* 27. Disponível em [http://www.scienceshumaines.com/les-cultures-de-la-conversation\\_fr\\_12008.html](http://www.scienceshumaines.com/les-cultures-de-la-conversation_fr_12008.html) [consult. 08.09.2013].
- Maingueneau, D. (1998): *Analyser les textes de communication* (Paris: Dunod).
- Maingueneau, D. (2005): “L’analyse du Discours et ses frontières”, *Marges Linguistiques* 9. Disponível em [www.marges-linguistiques.com](http://www.marges-linguistiques.com) [consult. 21.06.2005].
- Marques, M. A. (2006): “Novas perspectivas nas Ciências da Linguagem: a análise linguística do discurso”, em Azevedo, F. (coord.), *Língua Materna e Literatura Infantil*, 161-192 (Lisboa: Lidel).
- Moirand, S. (2005) : “Le dialogisme, entre problématiques énonciatives et théories discursives”, *Cahiers de praxématique* 43, 189-220.
- Moirand, S. (2000): “Variations discursives dans deux situations contrastées de la presse ordinaire”, *Les Carnets du Cediscor* 6, 45-62.
- Nølke, H. (1994): *Linguistique modulaire: de la forme au sens*. Peeters, Louvain/Paris.
- Pêcheux, M. (1969): *Analyse automatique du discours*, em Mالدیدیر, D. (ed.), *L’inquiétude du discours. Textes de Michel Pêcheux* (Paris: Editions des Cendres).
- Pêcheux, M. (1975): *Les vérités de la Palice* (Paris: Maspéro).
- Rabatel, A. (2008): *Homo Narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit*. Tomo I (Limoges: Lambert-Lucas).
- Roulet, E. (2000): “Enoncé, tour de parole et projection discursive”, em Berthoud e Mondada, L. (ed.), *Modèles du Discours en confrontation*, 151-156 (Bern: Peter Lang).
- Searle, J. (1992): (On) *Searle on Conversation* (Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins).
- Vion, R. (1996): “L’analyse des interactions verbales”, *Les Carnets du Cediscor*. Disponível em <http://cediscor.revues.org/349> [consult. 07.11.2013].
- Vion, R. (2000): “L’analyse pluridimensionnelle du discours: le cas d’instabilité énonciative”, em Berthoud e Mondada, L. (ed.), *Modèles du Discours en confrontation*, 151-156 (Bern: Peter Lang).
- Vion, R. (2005): “Séquentialité, interactivité et instabilité énonciative”, *Cahiers de Praxématique* 45 (Hétérogénéités énonciatives et types de séquence textuelle), 25-50. <http://praxématique.revues.org/111> [consult. 07.11.2013].

